

● ANIVERSÁRIO

# 100 anos da 'nossa' Georgina

ERICA FRANCO  
 efranco@dnoticias.pt

“Gosto muito do Cristiano Ronaldo! Ele agora também tem uma Georgina, já não a larga mais”, diz a homónima da companheira do craque madeirense, porque “a gente também pode caçoar um bocadinho”. Não duvidamos por um segundo, afinal Georgina Pita Gaspar fala com a autoridade de quem chegou aos 100 anos de vida, lúcida, autónoma e conversadora.

“Sempre gostei de conversar”, admite a nossa simpática anfitriã, que nos recebe com a edição de sexta-feira do DIÁRIO ao seu lado, no sofá.

“Tenho ali o recibo [da assinatura]. Já está pago para o ano”, assegura Georgina, que hoje tem jantar marcado com a família para celebrar o privilégio de viver um século.

“Sinto-me feliz. Tenho duas filhas e um filho e eles vieram do continente. Os meus netos também vieram todos”, conta.

Georgina – que nasceu numa família de oito irmãos, na freguesia dos Canhas, na Ponta do Sol – casou aos 21 anos e soma hoje “três filhos, quatro netos e cinco bisnetos”. “Cada geração cresce um”, enumera.

A memória não lhe falha. Ou – nas palavras da própria – “a cabeça, graças a Deus, está boa” e, por isso, entretém-nos recordando outros tempos.

“Não se tinha tanta liberdade, mas a gente também estava acostumada assim. Isto hoje é uma loucura. A gente se fosse olhar para um rapaz, mesmo não tendo nada com ele, já não se casava (...). Namorar? Era às escondidas, mas eu nunca namorei escondido. O meu pai era severo. Enquanto uma filha não casou, não iam dois rapazes ao mesmo tempo para casa. Era muito diferente, mas também foi bom”, rememora.



Georgina chorou para que a deixassem aprender a ler, num tempo em que apenas dois filhos de cada família podiam ir à escola. Hoje, começa cada dia com a leitura do nosso matutino.  
 FOTOS H.S./ ASPRESS



Com o marido, já falecido, partilhou mais de 50 anos de vida e também o dia de aniversário (embora ele fosse mais velho cinco anos, conforme faz questão de frisar).

A Madeira também mudou muito, entretanto. “Quando eu vim para aqui [para os Barreiros], só havia três casas. Jesus, isto agora é mesmo uma cidade! A minha casa já estava feita, quando comprámos a um senhor que tinha estado na Venezuela e vendeu a casa. Eu também estive na Venezuela”, revela.

Foi naquele país que Georgina e o marido trabalharam, com sacrifício, pelo futuro dos filhos. “Tinha-se um negócio com uma porção de não sei quantos empregados e eu engomava 25 camisas com goma! Eu é que engomava para ganhar um dinheirinho. E fazia outras coisinhas à parte. A gente trabalhou bastante, para dar um curso aos

Assinante do DIÁRIO comemora, hoje, o seu 100.º aniversário. Conversadora e de boa saúde, diz que tudo “valeu a pena” pela família. “Eu sei que estou velha, mas sou feliz”, assegura

nostros filhos, que era o que a gente queria. Para eles viverem um dia melhor que a gente. Consegui, graças a Deus”, afirma com orgulho.

Outro episódio caricato foi o fac-

to de a sua filha mais nova ter nascido a bordo do navio, quando regressava ao Funchal.

“Faltavam dois dias para chegar à Madeira. A menina nasceu com sete meses e 15 dias. Nasceu a bordo e tem o nome do barco, que é ‘Urânia’”, relata Georgina sempre com boa disposição.

“Eu nunca pensava durar até aos 100”, responde quando lhe perguntamos o segredo para atingir a tão almejada marca.

Segundo números da base de dados estatísticos da Fundação Francisco Manuel dos Santos, em 2022, viviam em Portugal quase 3 mil pessoas com 100 anos ou mais. Só na Madeira serão mais de uma centena.

Uma vida activa, quer física, quer mentalmente, pode ser um dos factores desta longevidade. “Eu não gosto de estar sem fazer nada”, confessa Georgina, que todos os dias faz exercício, dá “um jeitinho à casa”,

faz croché e “as rodas das calças” dos netos sempre que é preciso.

“O que é que eu faço mais? De manhã, eu levanto-me e a primeira coisa que eu faço é ir buscar o DIÁRIO para estar ali fora a ler. Eu não leio muito bem, mas vou soletando até lá chegar”, confidencia.

Note-se que este também é o testemunho de um tempo em que não era comum as mulheres aprenderem a ler. “Naquele tempo, quem tinha mais filhos, só dois é que iam à escola. Eu fui mais a minha mãe para se dar o nome, mas como já tinha dois [irmãos] eu já não pude ir. Chorei todo o caminho, porque queria ir para a escola. Mas, olhe, depois os miúdos tinham aquelas revistinhas que eu comprava para eles e ficava, às vezes, até às duas da manhã a soletrar e a ler. Não é assim muito bem, mas gosto muito”, resume com a resiliência de quem está de parabéns.

DECORAÇÕES

ÁRVORES DE NATAL

EVENTOS

TUDO PARA O SEU NATAL

A equipa da Tulipa, deseja-lhe um Natal cheio de amor, harmonia e muitas flores para alegrar os vossos dias. Feliz Natal!



TULIPA  
 Christmas  
 ATULIPA.COM

ABERTOS DE SEGUNDA A DOMINGO

Já Cheira a Natal

